

A valorização do protagonismo do povo preto no Ensino de História: Experiência docente no Programa Residência Pedagógica

Luana da Silva

Graduanda do curso de História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais- ICHS. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35400-000, Ouro Preto/MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: luana.brunely@aluno.ufop.edu.br

Submetido em: 01 out. 2023. Aceito: 14 nov. 2023

Resumo

Este relato fundamenta-se na experiência como residente docente em História no Ensino Fundamental e na reflexão entre a teoria e prática em sala de aula no tocante à luta contra a discriminação racial a partir do ensino de História. Dessa forma, pretende-se expor o desenvolvimento da proposta de intervenção inserida em conjunto de observações realizadas nos espaços físicos da escola, bem como leituras que foram realizadas e apontamentos elaborados durante a reunião geral com o professor preceptor do Programa de Residência Pedagógica-CAPES, coordenadores e demais residentes. Durante a realização da atividade sugerida, foi possível verificar que os alunos estavam interagidos, o que possibilitou realizar discussões a respeito do racismo, discriminação, apagamento/silenciamento e embranquecimento da história das pessoas negras. Além disso, no final da atividade se identificou a mudança do olhar dos alunos em relação à história do povo preto, alcançando os objetivos da atividade. Ademais, uma educação que parta de práticas pedagógicas de resistência e política que problematizam a realidade do estudante, torna-se uma ferramenta política importante no processo de transformação social.

Palavras-chave: Residência pedagógica, Experiência docente, Educação antirracista, Ensino de História.

Abstract

The valorization of the protagonism of the black community in History Education: teaching experience in the Pedagogical Residency Program

This report is based on the experience as a teaching resident in History in Elementary Education and on the reflection between theory and practice in the classroom regarding the fight against racial discrimination through the teaching of History. The article intends to expose the development of the intervention proposal inserted in a set of observations carried out in the school, as well as in readings that were carried out and notes prepared during the general meeting with the preceptor teacher of the Pedagogical Residency Program-CAPES, coordinators and other residents. During the suggested activity, it was possible to verify that the students were interacting with it, making it possible to hold discussions about racism, discrimination, historical erasure/silencing and the whitening of the history of black people. Furthermore, it was possible to notice their change in relation to looking at the history of black people, achieving the objectives of the activity. Furthermore,

an education that starts from pedagogical practices of resistance and politics that problematize the student's reality becomes an important political tool in the process of social transformation.

Keywords: Pedagogical residency, Teaching experience, Anti-racist education, History teaching.

Introdução

O Brasil, ex-colônia de Portugal, possui, como raiz histórica, o racismo que categorizou e hierarquizou o negro como Outro (objeto). Nesse sentido, a visão sobre o negro, a partir da historiografia oficial, utilizou-se de paradigmas científicos para categorizar a história do povo negro como objeto da narrativa histórica. Essa realidade se estruturou como uma maneira de apagar a condição das pessoas pretas como sujeitos históricos. Desse modo, novas perspectivas teórico-metodológicas identificam a urgência por um ensino que proporcione uma ruptura historiográfica contra o racismo epistêmico que produziu apagamentos das histórias de africanos e seus descendentes afro-brasileiros (FARIAS; LINS; BRIÃO, 2021). Neste sentido, ao propor uma mudança sobre o olhar dos corpos negros na história, é preciso educar a partir de um ensino antirracista que se pautar no protagonismo negro na história e na sua valorização ao buscar por meio de uma educação democrática uma reparação histórica e inclusão social.

À vista disso, a partir das novas demandas sociais, novas propostas de ensino de História da África e de História Afro-brasileira apontam para o ambiente de sala de aula como uma nova possibilidade de (re)pensar formas de ensino e temas que contribuam para o ensino na educação básica. Dessa forma:

“É preciso garantir o conhecimento público sobre cientistas e artistas negros, filosofias africanas e afro-diaspóricas, línguas africanas e contribuições africanas ao português brasileiro, geografia deste continente e da diáspora, técnicas,

astronomia, metalurgia, farmacopeia africanas como temas das aulas de física, química e biologia (MOTA, 2012, p. 15).”

Em conjunto com esse movimento educacional, o Programa de Residência Pedagógica incentiva os licenciandos a vivenciarem o cotidiano das escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, ao evidenciar a necessidade de novas abordagens metodológicas atreladas às novas demandas sociais por inclusão, a partir das observações realizadas em campo, o programa possui a iniciativa de contribuir para a articulação entre teoria e prática necessária à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de Licenciatura.

Sendo assim, esse artigo visa apresentar as atividades do Programa Residência Pedagógica, junto à Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP do curso de História, na qual teve início no mês de novembro do ano de 2022, quando os residentes participaram de uma reunião para os encaminhamentos do programa com os coordenadores Fábio Faversoni e Fábio Duarte Joly, do setor de História Antiga e Medieval, do Departamento de História. Este trabalho parte da experiência, em sala de aula, como residente docente e da respectiva reflexão entre a teoria e prática, em sala de aula, no tocante à luta contra a discriminação racial a partir do ensino de História. Dessa forma, este trabalho visa expor o

desenvolvimento da residência docente em conjunto com as observações realizadas nos espaços físicos da escola, bem como leituras que foram realizadas e apontamentos elaborados durante a reunião geral com o professor preceptor Bruno Omar, coordenadores e demais residentes. Além disso, foram considerados os documentos como Plano de Ensino, Regimento Escolar, e Projeto Político-Pedagógico, além do eixo de atuação da Residência em História, a saber, as relações étnico-raciais.

Relato da sequência didática

Em julho, depois de uma nova contratação do professor Bruno Omar na Escola Municipal Dante Luiz dos Santos, localizada no subdistrito de Mariana, Barroca, os residentes do programa, puderam acompanhar as aulas das turmas do sexto ao nono ano, no turno vespertino do Ensino Fundamental II. Essa escola, possui uma realidade diferente da escola CEMPA (Centro de Educação Municipal Padre Avelar), que foram iniciadas as atividades da Residência em fevereiro de 2023. A escola Dante Luiz, por ser uma escola rural, localizada em uma região quilombola, apresenta um cotidiano escolar bem diferente daquele da escola CEMPA que fica na região urbana da cidade de Mariana.

Durante as atividades de campo, verificou-se outra relação dos alunos com o espaço escolar, com os(as) funcionários(as) da escola e também dos alunos entre si. Como são pessoas que vivem na mesma região, eles se conhecem há muito tempo, e inclusive alguns alunos possuem parentescos, sendo irmãos e primos. Notou-se que essas relações familiares eram estendidas para o ambiente escolar. Por isso, nas aulas, em especial na turma do 6º ano, algumas brincadeiras e implicâncias, comuns entre irmãos, eram presentes no cotidiano em sala de aula.

Porém, em algumas aulas, aconteceu de alguns alunos reproduzirem o racismo um contra o outro. Vale ressaltar que todos os alunos da sala são negros (pretos/pardos), o que possibilitou uma reflexão e questionamentos a respeito dos motivos que levavam os alunos a agir de tal forma. Era comum os alunos se chamarem de “macaco”. É sabido que esse termo, quando referido a uma pessoa negra, está relacionado a uma origem histórica que possui raízes na colonização das Américas, quando se reproduziu o imaginário social do corpo negro como um corpo não humano (processo que já remonta à própria Antiguidade; ver, por exemplo GOLDENBERG, 2003). Nesse sentido, essa prática de chamar uma pessoa de macaco é racismo.

Diante disso, observou-se que os alunos não faziam isso entendendo a complexidade do problema, mas reproduziam essa fala porque queriam afetar o colega por meio da ofensa, o que não justifica a prática racista. É importante dizer que o racismo, sendo uma prática de preconceito e discriminação que descaracteriza o sujeito como humano e semelhante ao próximo, deve ser combatido em sala de aula. A partir disso, entendendo a realidade da situação, foi proposto uma sequência de atividades voltadas para o ensino de História. Essa atividade visou possibilitar a superação de preconceitos/discriminação, além de proporcionar a mudança de olhar sobre outro. Dessa maneira, é possível, por meio da valorização das histórias das pessoas negras, construir um ensino político e antirracista (MUNANGA, 1999, p.204).

Assim, ao abordar as contribuições dos povos africanos ao desenvolvimento humano e a sua ancestralidade com pessoas afro-brasileiras, a proposta inicial da aula era fazer com que os alunos assimilassem preto a conhecimento, protagonismo e ancestralidade. Desse modo,

como os alunos do 6º ano estavam estudando a história do Antigo Egito, foi possível desenvolver uma proposta juntamente com a minha colega de Residência, Beatriz Marci, nessa área.

Partindo do pressuposto que a narrativa construída a respeito da história do povo preto, como no caso da história do Egito Antigo, persistia, ainda no nosso tempo, repleta de estereótipos, racismo e embranquecimento. A ideia inicial foi aproximar o aluno da história que está sendo ensinada em sala de aula a partir do exercício de alteridade ao trabalhar a Antiguidade egípcia como história de sua ancestralidade. A atividade tinha como objetivo principal evidenciar o papel importante e significativo da história do Egito Antigo para a humanidade e mostrar o embranquecimento dessa história por conta do racismo (OLIVA, 2017). Essa relação de proximidade histórica entre o passado e o presente visa romper com uma narrativa de

embranquecimento do Egito, na qual o protagonismo histórico dos conhecimentos que se originou nesse território é reconhecido como europeu/branco. Esse apagamento possui a tentativa de silenciar a negritude, inteligência, avanço tecnológico, saberes, entre outras coisas, existentes na África.

Ao apresentar aos alunos a importância de entender a narrativa histórica como um processo em curso e que eles fazem parte disso como agentes históricos no presente, a atividade visou propor ao educando que projetasse positivamente a história das pessoas pretas e sua ancestralidade, como beleza, poder, riqueza, sabedoria e conhecimento. Por isso, o objetivo principal em todas as etapas da atividade foi fazer com que os alunos se espelhassem na realidade estudada. Nesse sentido, a atividade foi dividida em três etapas, mostradas na Figura 1:

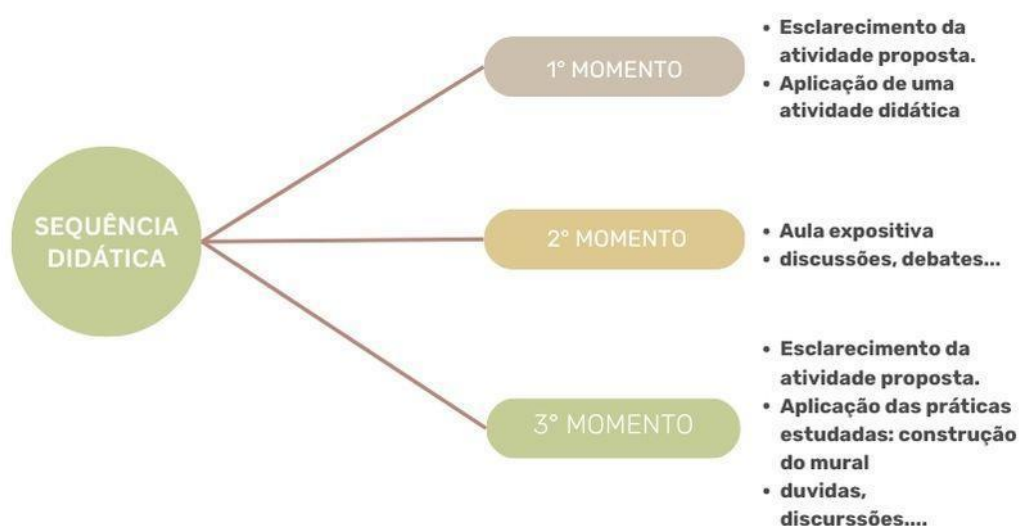


Figura 1. Mapa mental sobre a sequência didática.

Fonte: Autora

Primeiro momento

“A Educação Antirracista considera os seguintes fatores: a uma vasta variedade de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas com o objetivo de promover a igualdade racial e para eliminar formas de discriminação e opressão, tanto individual como institucional. Essas reformas envolvem uma avaliação tanto do currículo oculto como do currículo formal (CARRINGTON, citado por FERREIRA, 2012).”

A primeira etapa consistiu em um jogo didático. O nome do jogo é “Monte a sua história”. Para a realização dessa atividade foram utilizadas algumas imagens encontradas em pirâmides (pinturas no interior de tumbas funerárias) (VERCOUTER, 1991), como também fotografias de artefatos para estimular a imaginação dos alunos. As imagens consistem nos registros produzidos pelos egípcios antigos que representavam o cotidiano, a cultura, a religião, dentre outras coisas. Dessa forma, é possível

perceber que, em todas as imagens escolhidas, a representação do povo egípcio como um povo negro, por meio de uma pluralidade étnica, era marcante nesses registros históricos. A partir da seleção das fotografias, foram utilizados recursos digitais para editar as imagens e adicionar acessórios contemporâneos. É importante ressaltar que a intenção dessa atividade foi trabalhar o documento como espelho do presente em relação ao passado estudado e não utilizar o registro com anacronismo.

Nessa primeira etapa, os alunos não foram informados que aquelas imagens eram documentos históricos; a explicação desse registro foi retomada na segunda etapa evidenciando sua historicidade. Dessa forma, depois das imagens editadas e impressas (Figura 2), em sala de aula, foi pedido para os alunos, com uso de uma cartolina, que colocassem a imagem no papel e construíssem um cenário com as imagens.



Figura 2. Registro das imagens editadas

Fonte: Foto da autora.

A intenção do jogo era fazer com que os alunos criassem um contexto para a imagem, com personagens, objetos, animais, e outros utensílios que pudessem ser adicionados. O objetivo foi trabalhar a imaginação dos alunos e analisar as narrativas construídas por eles a partir da sua experiência no mundo. Tendo em vista que os desenhos produzidos serão retornados na segunda etapa, a finalidade dessa atividade foi mostrar como uma imagem poderia refletir uma narrativa, revelando outras maneiras de se comunicar por meio de códigos. Esse jogo objetivou retomar uma prática ancestral de comunicação, tendo em vista que os egípcios se comunicavam a partir de hieróglifos, uma escrita por meio de desenhos e símbolos.

No final da atividade, os alunos desenham cenários como campo de futebol, dois meninos carregando um tronco, uma moça, um homem com a camisa de futebol do Brasil (Figura 3), entre outros.

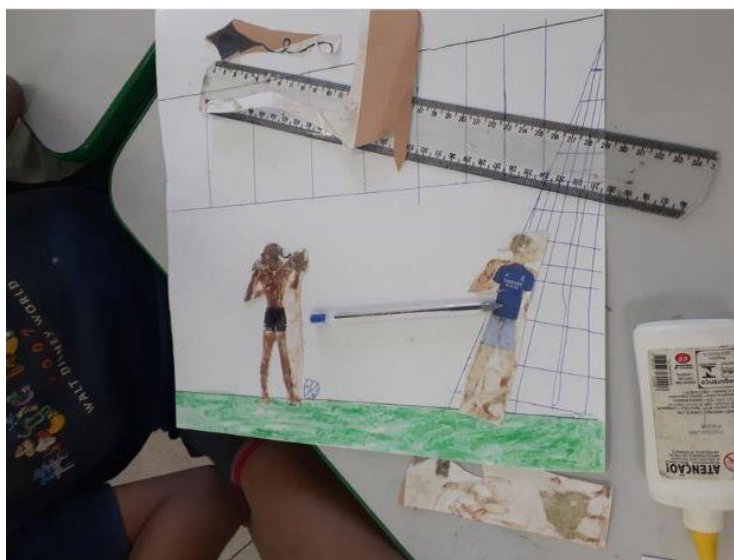


Figura 3. Registro durante a realização da atividade.

Fonte: foto da autora.

Segundo momento

“A primeira batalha no estudo de História da África é avançar sobre os estereótipos popularmente conhecidos sobre o tema, seja o da pauperização das narrativas sobre sociedades e culturas africanas, seja sua mitificação. Uma vez em curso o processo de des-conhecer — de superar o senso comum e a idealização —, é preciso construir novas bases para o conhecimento (FERREIRA, 2012).

A partir disso, a segunda etapa consistiu em uma aula expositiva a respeito da história do povo preto a partir do Egito Antigo (Figura 4) como uma ancestralidade da história das pessoas afro-brasileiras. Nessa etapa da atividade, foi considerado narrar e ensinar a história do Egito Antigo sem conectá-la a uma narrativa eurocêntrica sobre o período faraônico. A atividade visou mostrar o continente africano como modelo de civilização antiga que se constituiu como um grande império e a sua mudança ao longo do tempo e do espaço por meio de fotografias antigas e atuais. Além disso, ao conectar a história do antigo Egito e a história do educando a partir de uma valorização positiva, e tentando relacionar também com a questão da diáspora africana no Brasil, a atividade evidenciou que os alunos são pertencentes a essa narrativa, pois sua história enquanto sujeito está ligada a essa historicidade.

Nessa parte também foi apresentado aos educandos o documento utilizado por eles para desenvolver o jogo didático. Por isso, nessa etapa da atividade, o documento foi historicizado, para introduzir a discussão sobre a ancestralidade como uma linhagem do passado. Essa atividade incorporou a filosofia Ubuntu que consiste em um resgate ancestral, no entendimento de que a essência de ser uma pessoa com consciência

deriva de ser parte de algo maior e coletivo (CAVALCANTE, 2020).

No final da aula, um dos alunos falou que “estava começando a gostar de história”. É interessante observar que pequenas atitudes em sala de aula podem mudar o pensamento do aluno em relação a si próprio e à matéria que está sendo estudada. Sendo assim, a valorização da

representatividade do aluno em sala de aula precisa, de alguma forma, incorporar o cotidiano dele para o entendimento da matéria aprendida. Além disso, a valorização da história das pessoas negras pode mudar o comportamento e a prática racista na escola e na sociedade.



Figura 4: Registro dos slides usados durante a aula expositiva.

Fonte: Autora

Terceiro momento

Infelizmente, por uma questão de tempo e agenda, a terceira parte não foi realizada com os alunos. Também não houve a oportunidade de retomar a atividade diante o calendário de conteúdos da escola, o que acaba constituindo a realidade do dia a dia no ensino em sala de aula. Caso tivesse sido realizada, a terceira etapa consistiria na realização de um mural para ser exposto na escola. O objetivo dessa atividade era fazer com que os alunos, depois da primeira e da segunda etapa, se imaginassem como um homem egípcio e produzissem um hieróglifo para se comunicar com os outros alunos na escola. Para

essa experiência, seriam utilizadas tintas orgânicas, feitas anteriormente, para os alunos terem a experiência parecida com os egípcios na utilização de recursos orgânicos utilizados no passado e como eles ainda podem ser usados no presente. As imagens a serem pintadas seriam impressas.

A ideia era mostrar uma variedade de pinturas e cada um poderia escolher a pintura que quisesse colorir. Depois, seria historicizado a imagem, explicando seu papel histórico, enquanto os educandos realizavam a pintura. A intenção era durante a atividade trabalhar com alguma curiosidade sobre a população egípcia com os

educandos, como costumes, culinária, músicas, religião, entre outros. Caso o tempo da aula não fosse suficiente para finalizar a atividade, o objetivo seria fazer com que os alunos pesquisarem outros recursos orgânicos com os quais poderiam terminar a pintura, como café, beterraba, terra, entre outros. Após eles terminarem a pintura, eles iriam colar a imagem no mural. A ideia principal era construir um mural plural e criativo a partir da imaginação dos próprios alunos.

Diante disso, foi concebível alcançar os objetivos propostos para essa intervenção. Os alunos mostraram-se interesse pela atividade, além de termos conseguido promover um debate com os educandos a respeito do racismo e apagamento histórico. Acreditamos que alguns imprevistos são normais no cotidiano escolar, como a agitação dos alunos, pois na segunda etapa, a aula havia sido depois do recreio. No mais, ao final, a construção da atividade e a sua realização foram muito proveitosas.

Considerações Finais

Com o processo de colonização, houve um grande apagamento da história do povo negro como agentes históricos que foram pioneiros em diversas modalidades de conhecimentos como matemática, física, filosofia entre outros. Desse modo, é possível visualizar que um ensino de história que parta de uma conscientização política e uma luta antirracista dever impulsionar outras maneiras de se combater o racismo, fortalecendo uma política por meio da conscientização na educação básica.

Nesse sentido, o desenvolvimento da proposta de intervenção, dentro do programa Residência Pedagógica na docência em História, possibilitou (re)pensar metodologias de ensino que destaquem o racismo na escrita da história oficial

e valorize a importância da abordagem da agência do povo negro e seu apagamento provocado pelo racismo. Ou seja, entendendo a história como um movimento historiográfico que se relaciona pela construção do presente em relação ao passado, é possível possibilitar transformações sociais e combater o racismo no ensino de História.

Além disso, é necessário pensar a visibilidade histórica no campo do protagonismo, na reparação historiográfica e a construção da imagem do Outro que silenciou e diminuiu o negro no passado, mostrando-o como objeto e um ser inferior sem capacidade de ter consciência histórica, geralmente abordado como “escravo” no ensino de História.

Nesse sentido, ao trabalhar essa temática em sala de aula, foi possível visualizar a mudança de alguns alunos em relação à conscientização ao racismo e seu combate. Também houve uma palestra sobre racismo na escola, depois que o professor Bruno comentou sobre nossa atividade. Além do mais, os demais residentes, têm continuado o trabalho, tendo em vista que reconhecemos que a luta contra o racismo é contínua e diária. Sendo assim, ao pensar e propor um ensino de história antirracista, se torna urgente hoje o exercício ético do professor de História em sala de aula, isto é, um ensino de história que proporciona a crítica e a reflexão da sua realidade, e que consista na luta pelo reconhecimento e reparação histórica da população afro-brasileira.

Referências

- CAVALCANTE, K. L. Fundamentos da filosofia Ubuntu: afro perspectivas e o humanismo africano. **Revista Semiárido De Visu**, v. 8, n. 2, p. 184-192, 2020.
- FARIAS, C. C. G.; LINS, M. R. F.; BRIÃO, G. F. Educação antirracista: um convite à insubordinação criativa. **Revista @mbienteeducação**, v. 14, n. 1, p. 88-110, Jan./Abr. 2021

FERREIRA, A. J. Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores. **Revista de Educação Pública**, v. 21, n. 46, p. 275-288, maio/ago. 2012.

GOLDENBERG, D. M. **The curse of Ham: race and slavery in Early Judaism, Christianity, and Islam**. Princeton University Press, 2003.

MOTA, T. H. (Org.). **Ensino antirracista na Educação Básica: da formação de professores às práticas escolares**. Porto Alegre. Editora Fi, 2012.

MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade –1999.

OLIVA, A. R. Desafrikanizar o Egito, embranquecer Cleópatra: silêncios epistêmicos nas leituras eurocêntricas sobre o Egito em manuais escolares de História no PNLD 2018. **Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos**, [S. l.], n. 10, p. 26–63 jul./dez. 2017.

VERCOUTTER, J.; LECLANT, J.; SNOWDEN Jr., F. M.; DESANGES, J. (ed.). **The Image of the Black in Western Art, Volume I: From the Pharaohs to the Fall of the Roman Empire**. Harvard. Harvard University Press, 1991.